

Reiter, S. – Alemão no Pará

O desenvolvimento das variedades de alemão faladas por colonos teuto-brasileiros no Pará

Um estudo de caso sociolinguístico

Sabine Reiter¹

Titel: Die Entwicklung der von deutsch-brasilianischen Siedlern gesprochenen Varietäten des Deutschen im Bundesstaat Pará. Eine soziolinguistische Fallstudie

Title: The development of the German varieties spoken by German-Brazilian settlers in the state of Pará. A sociolinguistic case study

Palavras-chave: línguas minoritárias – estudo de caso sociolinguística – hunsruquiano

Schlüsselwörter: Minderheitensprachen – Soziolinguistik – Fallstudie – Hunsrückisch

Key-words: minority languages – sociolinguistics – case study – Hunsrückisch

1. Introdução

Em 1824, iniciou-se a imigração de alemães ao Brasil. Esses primeiros imigrantes vieram do norte da Alemanha e eram falantes de variedades do *plattdeutsch*. Seguiram-se alemães de outras regiões, principalmente falantes de um dialeto médio alemão ocidental, o *hunsrückisch*.² Os primeiros colonos alemães foram convidados pelo governo brasileiro para, no Rio Grande do Sul, colonizar um território fronteiriço pouco ocupado até então por colonos brasileiros.³ Na sua maioria, eram pequenos agricultores que vieram de lugares na Alemanha onde tradicionalmente o filho mais velho ou o mais novo herdava toda a propriedade. Vieram ao Brasil em busca de terra – e é essa motivação inicial que até hoje pode-se observar entre os migrantes teuto-

¹ Professora visitante (bolsista/ leitora do DAAD) na Universidade Federal do Pará; sabine_reiter@yahoo.com

² Cf. Altenhofen (1996: 14/15).

³ Cf. Altenhofen (1996: 60).

brasileiros que chegaram até a Amazônia. Hoje em dia pode-se encontrar pessoas que falam uma variedade de alemão não só nos lugares rurais dos estados do sul, como Rio Grande do Sul, Santa Catarina ou Paraná, mas também em Mato Grosso e até no Pará.

Neste estudo, procura-se identificar fatores que contribuem para a manutenção dessas variedades em alguns lugares, e outros que já levaram ao desaparecimento das mesmas. Para tal, foi feito um levantamento de dados na região de Novo Progresso no Pará, um lugar onde há uma certa concentração de gaúchos descendentes de alemães. Para poder registrar até detalhes individuais que contribuíram ao respectivo desenvolvimento, a pesquisa concentra-se na situação linguística em uma pequena comunidade.⁴ O texto também propõe como se pode aproveitar desse conhecimento de língua minoritária em uma parte da população brasileira para despertar o interesse em outras línguas e culturas e assim promover a aprendizagem de línguas estrangeiras, tão necessária para um país com papel cada vez mais importante num mundo globalizado.

Seguem-se a esta breve contextualização introdutória quatro capítulos. No segundo capítulo esboçam-se os movimentos migratórios da população teuto-brasileira que chegou até o Pará e descreve-se São José, o lugar no foco da pesquisa. O terceiro capítulo informa sobre a coleta de dados. No capítulo 4 apresenta-se uma primeira análise, e o capítulo 5 aponta as consequências para a vitalidade da língua e dá ideias para futuros projetos.

2. História da migração para o Pará⁵

A imigração do Brasil por alemães deu-se em várias grandes etapas. Os motivos para a emigração eram diversos, dependendo da região de origem e do momento histórico quando as pessoas resolveram deixar a Alemanha. Enquanto a maioria dos colonos do século XIX ainda procurava se estabelecer no campo como agricultores, posteriormente, também houve imigrantes alemães que vieram exercer diferentes profissões nas cidades. São os descendentes dos colonos alemães mais antigos, no entanto, que já no século XIX começaram a se difundir nos estados (Santa Catarina,

⁴ Cf. Himmelman (2009) que postula que precisa-se descrições detalhadas de cenários que levam a uma regressão linguística para se poder entender os mecanismos e criar uma tipologia de cenários aplicáveis a situações onde línguas estão ameaçadas de cair em desuso.

⁵ As informações relacionadas à história da migração baseiam-se principalmente em Altenhofen (1996).

Reiter, S. – Alemão no Pará

Paraná) e países (Argentina, Paraguai, Uruguai) vizinhos, e até hoje mostram uma grande mobilidade. A sua própria história de imigração pode ter favorecido o papel de pioneiro dessa parte da população na ocupação de territórios “desconhecidos”. Chegaram a um país onde tinham que criar a sua própria infra-estrutura⁶ – uma situação que se repete na colonização da Amazônia: “A história de muitos municípios ao longo da BR 163 tem sua origem na colonização privada” (SCHUMANN et al. 2015: 44).

Em 1971, iniciou-se no Brasil a construção da rodovia 163, que hoje tem uma extensão de 4476 km e liga o extremo sul (Tenente Portela, RS) ao extremo norte (Santarém, PA).⁷ Foi essa BR-163 que provocou a colonização da Amazônia por migrantes do sul do país que primeiro trabalharam na construção da estrada, e depois se estabeleceram na agropecuária e na indústria madeireira. Um dos centros dessas indústrias no sudoeste do Pará é Novo Progresso. Perto desse núcleo comercial e industrial, na beira da BR-163, há uma variedade de pequenos povoados com uma população majoritária de migrantes do sul do país.

Um desses povoados é São José, fundado em inícios dos anos 1980, quando a construção da estrada chegou a esse local. Os fundadores eram 14 famílias teuto-brasileiras, cerca de 120 pessoas, que – em parte – já se conheciam antes, vindas originalmente de um mesmo local em Santa Catarina. Desde o começo, também moravam lá três famílias paraenses sem conhecimento de alemão. São José é localizado em uma distância de 45 km de Novo Progresso em direção a Itaituba e Santarém. O povoado tem uma estrutura que também caracterizava os antigos povoados de colonos alemães no Rio Grande do Sul, como foram descritos por Altenhofen (1996: 63). Estende-se por cerca de 10 km ao longo da BR-163, com pequenas fazendas nos dois lados da estrada que, neste trecho, em 2014 ainda não está asfaltada.⁸ As casas, desta maneira, ficam relativamente isoladas em uma distância de cerca de 500 metros uma da outra. O centro comunitário, no meio do povoado, consiste de uma igreja católica, um comércio e um campo de futebol. Nos anos 1990, ainda encontrava-se uma escola primária no mesmo local. Atualmente, as crianças frequentam uma escola primária no

⁶ Devido ao fato de que os colonos teuto-brasileiros tinham que estabelecer as suas próprias instituições (escolas, igrejas) dentro das suas colônias, houve pouco contato com a língua portuguesa por muito tempo, o que contribuiu para a manutenção das variedades de alemão em pequenas comunidade rurais.

⁷ Cf. Torres (2005).

⁸ Os moradores de São José vivem da criação de gado e do plantio para subsistência.

Reiter, S. – Alemão no Pará

povoado vizinho de Santo Antônio. Não há escolas secundárias próximas de São José. Só em 2011, São José foi conectado à rede de eletricidade.

3. Coleta de dados

São José foi escolhido para o estudo por vários motivos. É um lugar que até há pouco tempo estava relativamente isolado: a estrada é de chão batido e, na época de chuva, dificilmente transitável; a eletricidade e assim também o acesso regular aos meios de comunicação é recente. As próprias casas não são muito próximas umas das outras, mas a igreja e o comércio servem como pontos de encontro e de comunicação. O local começava com uma população que mostrava uma forte coesão social, as pessoas sendo predominantemente de origem teuto-brasileira, falantes de variedades do alemão, que casaram entre si e tiveram filhos da mesma faixa etária. E por final, a pesquisadora conseguiu estabelecer um bom contato com essa população, porque uma pessoa da comunidade com forte interesse na manutenção da língua materna se ofereceu como assistente de pesquisa, intermediando as entrevistas.

Os dados foram coletados em agosto de 2014. Trata-se de mais de 16 horas de gravações em áudio e vídeo com 26 (ex-)moradores da comunidade de São José.⁹ Membros de todas as famílias teuto-brasileiras atuais e antigas do local foram entrevistados. Nas entrevistas em alemão e/ou português a pesquisadora seguiu um catálogo de perguntas sociolinguísticas em ordem livre, adaptado à situação comunicativa.¹⁰ O *code-switching* ocorreu naturalmente durante essas entrevistas, dependendo do assunto da conversa e do conhecimento da língua padrão por parte dos entrevistados e da variedade dialetal por parte da entrevistadora.

Tabela 1: Informantes da pesquisa

Faixa etária	Homens	Mulheres
--------------	--------	----------

⁹ O modo de gravação era uma decisão dos entrevistados, pessoas menos extrovertidas geralmente escolhendo o modo áudio. O objetivo era a obtenção de dados os mais naturais possíveis. Através dos dados de vídeo procurava-se obter dados adicionais, p.ex. entonacionais e paralinguísticos (cf. MARCUSCHI 2003: 9).

¹⁰ Esse questionário sociolinguístico, por um lado, investigava a questão de qual variedade/língua era usada com qual pessoa e em que situação, por outro, também as atitudes dos falantes com relação às línguas.

Reiter, S. – Alemão no Pará

80 anos e mais	---	4
55 anos e mais	4	9
30 anos e mais	2	5
abaixo de 30 anos	1	1

Além das entrevistas semi-estruturadas, obteve-se várias narrativas autobiográficas dos entrevistados e nove listas de palavras incompletas, utilizando-se o questionário ALMA-H. Para ter mais uma orientação a respeito da origem linguística dos entrevistados que não tinham uma memória familiar além de duas ou três gerações anteriores, foram feitas pesquisas genealógicas através de nomes de ancestrais memorizados ou lugares de origem no Rio Grande do Sul. Para essa pesquisa, utilizava-se o site dos mórmons (<https://familysearch.org>), no qual pode-se encontrar dados internacionais de registros paroquiais.

4. Resultados preliminares

Todos os entrevistados, entre 26 e 86 anos, adquiriram uma variedade do alemão como primeira língua. Nas duas faixas etárias mais velhas, falavam alemão com os avôs, pais e irmãos, e – com exceção de DG85¹¹ – também com os cônjuges. Pode-se observar que as pessoas da geração mais velha falam predominantemente alemão com os filhos até hoje, enquanto que as pessoas da segunda geração (a partir de 55 anos) utilizavam o alemão com os filhos pequenos e trocaram para o português, quando esses ficavam mais velhos. Hoje ainda usam o alemão com os filhos em situações específicas, como em festas de família ou na hora do primeiro chimarrão do dia. Irmãos a partir da segunda faixa etária para baixo agora usam principalmente o português entre si. Falantes da terceira e da quarta faixa etária são dominantes em português e nunca usaram o alemão com os filhos. Todos eles começaram a utilizar essa língua a partir do momento em que

¹¹ Essa mulher de 85 anos já vivia em um ambiente onde se falava mais português quando – aos 13 anos – se mudou de Santa Catarina para o Paraná. Com o marido trocava de língua, utilizando o alemão como “língua secreta”. Na entrevista, ela só fala em português. Nenhum filho dela fala alemão, mas os mais velhos ainda aprenderam na infância.

Reiter, S. – Alemão no Pará

entraram na escola. Pessoas da terceira faixa etária ainda são fluentes em alemão, mas os dois entrevistados abaixo de 30 anos são mais proficientes em português.

Nos primeiros anos em São José, utilizava-se o alemão no dia-a-dia mais frequentemente do que o português em todas as faixas etárias. O culto na igreja católica sempre era em português, mas antes e depois do culto falava-se alemão. Para os luteranos existia, por muitos anos, um serviço de igreja em alemão em Novo Progresso. Neste grupo menor, também se encontram mais pessoas que – devido ao estudo da Bíblia – sabem ler e escrever em alemão. Os domínios de uso do alemão nos tempos atuais são muito restritos, e tem que se distinguir entre as pessoas que continuam em São José, e as que se mudaram para Novo Progresso. Em São José existe uma maior oportunidade para utilizar o alemão, ou no comércio que continua sendo um lugar de encontro, ou quando falantes mais velhos se visitam ou encontram. Em Novo Progresso, os antigos vizinhos de São José ainda mantêm contato entre si. Alguns se encontram regularmente para jogar baralho, e nessa ocasião utilizam o alemão. Também existe um centro comunitário para a “terceira idade” onde se encontram predominantemente gaúchos de descendência alemã. Neste, porém, quase não se usa o alemão porque sempre há pessoas por perto que não entendem. Essa situação também é dada como motivo principal para não se falar mais alemão, como afirma uma representante da segunda faixa-etária: “Se tem um outro junto, tu pode ter dois três alemão, aber wenn’s tu tann alemão sprecht, und de andere, de brasileiro wo nix verstehn tut, eles se irritieren, né? Aí acostuma, né, não fala mais [...]” (AF65). Um outro motivo é a falta de proficiência do cônjuge e/ou dos filhos e netos. Motivações para continuar falando a língua são relacionadas a questões de identidade cultural e de história familiar (AF65, LF60), à exclusão de outros do assunto da conversa (GK66) ou – no caso de um dos falantes mais novos – a motivos econômicos (DK26).

Quanto às variedades de alemão utilizadas na comunidade, pode-se perceber uma predominância do *hunsrückisch*, mas também fala-se uma variedade norte-alemã do alemão padrão e há conhecimento de uma variedade do *plattdeutsch*, segundo a auto-denominação da falante, do *westfaliano* (DG85). O questionário ALMA-H mostra que no *hunsrückisch* também há heterogeneidade lexical e que isso é diretamente ligado à origem das famílias dos entrevistados que vieram de regiões diferentes no sul do país. Além disso, há muitos fenômenos de interferência com o português. Isso tudo

Reiter, S. – Alemão no Pará

corresponde à observação de von Borstel: „[...] em nosso país, a estrutura linguística não é mais o falar dialetal e os traços formais da língua alemã em sua forma original, mas, sim, um falar híbrido, de traços linguísticos regionais, sociais, familiares e culturais de dois códigos” (VON BORSTEL 2011: 22).

Todos os falantes do *hunsrückisch* são católicos. Os falantes do *hochdeutsch*, por sua vez, são de confissão luterana; uma pessoa que fala uma variedade padrão converteu-se ao catolicismo (AK46). As quatro entrevistadas mais velhas identificaram a variedade dialetal que fala(va)m sem hesitação e corretamente, enquanto que alguns falantes mais novos não diferenciaram entre uma variedade do *plattdeutsch* (se auto-denominando de “pomeranos”) e a variedade dialetal do *hochdeutsch* (*hunsrückisch*) que de fato falam.

As atitudes em relação ao alemão são geralmente positivas, mas pode-se perceber que a maioria dos falantes do *hunsrückisch* considera a sua variedade inferior ao alemão padrão. Na primeira e segunda faixa etária a variedade do *hunsrückisch* é considerada mais fácil que o português e melhor para contar piadas ou fazer jogos de palavras (LF60). Uma pessoa lamenta explicitamente que não fala mais a língua materna: “eu sempre digo: é dor, a gente devia de continuar [...] o que me fala em alemão eu entendo, mas falar, eu não sei mais” (DG85).

5. Conclusão e futuros projetos

Resumindo, pode-se observar uma regressão geral das variedades de alemão faladas pelos migrantes no Pará que vieram do sul do país. Fatores que apoiam a manutenção são – como se pode ver no exemplo de São José – um alto grau de isolamento geográfico da comunidade de falantes e diferentes contextos de uso da língua na vida cotidiana. Uma coesão social forte entre os falantes da língua, que se reflete na migração de várias famílias de um mesmo local, nos casamentos dentro da comunidade linguística e em uma vida comunitária, também contribui para isso. Um terceiro fator que se mostra entre os falantes de *hochdeutsch* de confissão luterana é o conhecimento da língua escrita. O estudo também mostra que uma combinação de vários fatores determinam a continuidade ou o declínio da língua alemã em cada indivíduo.

Reiter, S. – Alemão no Pará

A pesquisa aqui descrita ainda não está concluída. É preciso levantar mais dados, principalmente de falantes masculinos e de um número maior de pessoas das faixas etárias mais novas. Um estudo comparativo com outras comunidades na região e os respectivos fatores também seria produtivo para poder fazer prognoses gerais sobre a vitalidade da língua minoritária no Pará.

No curso de alemão como língua estrangeira na UFPA, os dados podem ser utilizados para exercícios em vários níveis de análise linguística que mostram o efeito do contato das duas línguas – mecanismos que também se manifestam na produção oral dos alunos de alemão no Brasil. Desta maneira, os futuros professores de alemão aprendem a identificar fenômenos que podem ser corrigidos com exercícios específicos. Adicionalmente, os dados de variedades dialetais podem sensibilizar os professores para uma heterogeneidade interna que se manifesta no alemão e em todas as línguas, além de despertar o interesse e a atenção para línguas minoritárias no próprio Estado.

Referências bibliográficas

- ALTENHOFEN, Cléo V. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul*. 5. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1996.
- ALTENHOFEN, Cléo V.; THUN, Harald. *Fragebogen zur Variation und Gebrauch des Hunsrückischen. ALMA-H Atlas Linguístico Contatual das Minorías Alemãs da Bacia do Prata*. Porto Alegre/ Kiel: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ Christian-Albrechts-Universität zu Kiel, 2014.
- BORSTEL, Clarice von. *A linguagem sociocultural do Brasildeutsch*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.
- HIMMELMANN, Nikolaus P. Language endangerment scenarios: A case study from northern central Sulawesi. In: FLOREY, Margaret (org.). *Endangered Languages of Austronesia*. Oxford: OUP, 2009: 45-72.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 2003.
- SCHUMANN, Charlotte et al. (org.). *Sempre pra frente. Histórias de vida da BR 163*. São Paulo: Olhares, 2015.
- TORRES, Maurício (org.). *Amazônia revelada: Os descaminhos ao longo da BR-163*. Brasília CNPq, 2005.